

RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE CONVIVEM COM A VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS NO AMBIENTE FAMILIAR

^{*1}José Eurípedes Martins, ²Diene Monique Carlos, ³Luana Cristina Silveira Gomes, ⁴Cintia Aparecida da Silva, ⁵Lia Brioschi Soares, ⁶Eliana Mendes de Souza Teixeira Roque and ⁷Maria das Graças Carvalho Ferriani

¹Psicólogo, Doutorando pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Membro do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE), do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Avenida dos Bandeirantes nº 3900, CEP: 14040-902, Ribeirão Preto-SP, Brasil

²Enfermeira, Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, RN, PhD, Federal University of São Carlos, Rodovia Washington Luiz, km 235, CEP 13565-905, São Carlos-SP, Brazil

³Psicóloga, Doutoranda pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Membro do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE), do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Avenida dos Bandeirantes nº 3900, CEP: 14040-902, Ribeirão Preto-SP, Brasil

⁴Assistente Social e Pedagoga, Doutoranda pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Membro do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE), do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de, Av. Bandeirantes, 3,900, ZIP Code 14,040-902, Ribeirão Preto-SP, Brasil

⁵Psicóloga, Mestranda pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Membro do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE), do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Avenida dos Bandeirantes nº 3900, CEP: 14040-902, Ribeirão Preto-SP, Brasil

⁶Bacharel em Direito. Pós-Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo-SP, Professora Titular na Universidade de Ribeirão Preto/SP. Av. Costábile Romano, 2201 - Ribeirânia, Ribeirão Preto - SP, 14096-900-(16) 3603-7000, Brasil

⁷Enfermeira. Professora, Dra. Titular do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Avenida Bandeirantes, nº 3900, CEP 14040-902, Ribeirão Preto-SP, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 15th July, 2019

Received in revised form

26th August, 2019

Accepted 14th September, 2019

Published online 23rd October, 2019

Key Words:

Adolescents, Children, Parents, Domestic violence, Violence by Intimate Partner, Marital Abuse.

*Corresponding author:

José Eurípedes Martins

ABSTRACT

Introduction: Intimate partner violence (IPV) also exposes children when they live with aggressive parents. Every act of violence comprises an attack on human dignity, especially against children and adolescents. **Objective:** The aim of this paper is to get to know and analyze the scientific evidence about the experiences of children and adolescents in the face of intimate partner violence (parents) in the domestic environment. **Method:** This is an Integrative Review with data from electronic databases (VHL Portal, Pubmed and PsycInfo) from 2013 to 2017. Results: 19 articles composed this Integrative Review, confirming the diverse forms of violence practiced by intimate partners (IPV), experienced by children and adolescents, with noxious effects on psyche motional health, for living with parents assaulting each other and do not have intrinsic resources to deal with. **Conclusions:** There is a dearth of comprehensive and effective health policies in the care of victims, including aggressors and the family group. There is a need for government investments and multi professional actions with micro and macro social full scope, with preventive campaigns, effective resources and updated laws. There is IPV involving children regardless of gender, and the absence of dialogue between peers (couples) can mean a risk factor for victimization, occurring in the most of cases, inside home.

Copyright © 2019, José Eurípedes Martins et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: José Eurípedes Martins, Diene Monique Carlos, Luana Cristina Silveira Gomes, Cintia Aparecida da Silva et al. 2019. "Crianças e adolescentes que convivem com a violência entre parceiros íntimos no ambiente Familiar", *International Journal of Development Research*, 09, (10), 30704-30711.

INTRODUCTION

No exercício da prática clínica, observamos e registramos, em nossos processos de Anamneses de Crianças e Adolescentes, casos de comportamentos antissociais; dificuldades de aprendizagem escolar, agressividade, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtornos de Ansiedade e Depressão e neste cenário notamos que as crianças e os adolescentes, quando apontavam qualquer um destes problemas, ambos tinham algo em comum em seus históricos familiares: “Violência por parceiros íntimos – VPI”. A violência é responsável por mais de 1 milhão de mortes por ano, em nível mundial, totalizando 2,5% da mortalidade global. Na população de 15 a 44 anos, a violência é a quarta causa de mortalidade no mundo, entretanto, estas estatísticas representam apenas o ápice da pirâmide, que é a melhor configuração para compreender a magnitude do problema. Milhares de pessoas no mundo são vítimas de violências não fatais, todos os dias.

Dentre estas, algumas pessoas são atendidas por serviços de saúde e recebem atendimentos de urgência, médico-legais e outros tipos de cuidados. O maior contingente de pessoas, representando a base da pirâmide, sofre violências cotidianamente, mas nunca se reportará a serviços de proteção. As pesquisas indicam que as principais populações que sofrem violência em silêncio são as crianças, adolescentes, mulheres e idosos (WHO, 2014). Qualquer tipo de abuso ou violência contra os direitos da criança e do adolescente é uma infração que desrespeita as normas vigentes, conforme as políticas públicas do Ministério da Saúde (MS), que desde 1990 protege este público infantojuvenil e, através do Sistema Único de Saúde (SUS), rege Políticas Públicas de Saúde que atendem às normas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como medidas protetivas e garantidoras dos direitos das crianças e adolescentes, diante da violência em nosso país. No contexto brasileiro, a Lei 13.431 de 2017 passou a estabelecer o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente, vítima ou testemunha de violência, alterando a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA) (Brasil, 2017). Importante considerar que a criança que presencia a violência também é vítima da violência, e a literatura internacional tem abordado tais questões na saúde de crianças e adolescentes (CA).

Estudo no Timor-Leste associou a ocorrência da violência conjugal contra mulheres à maior mortalidade infantil e a problemas de saúde na infância (Taft *et al.*, 2015). Sintomas depressivos em mães que sofreram violência nas relações de intimidade também aumentaram o risco de crianças desenvolverem sintomas de angústia, medo e tristeza (Katz *et al.*, 2016). Atributos parentais positivos e afetivos foram associados à menor ocorrência de comportamentos disruptivos em adolescentes (Pinna, 2016). Crianças que as mães experienciaram a violência por parceiros íntimos (VPI), no primeiro ano após o nascimento, desenvolveram mais problemas emocionais aos 12 meses. O desenvolvimento de estresse pós-traumático, em mães após a VRI, associou-se às dificuldades regulatórias em bebês de 3 meses (Ahlfs-Dunn e Huth-Bocks, 2014). Sendo esse tema de grande relevância sociocultural, torna-se um fator importante para reflexões e estudos que nos motivam a conhecer e a compreender a vivência de crianças e adolescentes, diante da violência por parceiros íntimos (VPI), no ambiente intrafamiliar.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Revisão Integrativa é um recurso empírico, uma ferramenta para a investigação e formulação de estudos científicos sobre o tema pesquisado. Possibilita conhecermos o estado da arte do tema investigado e, através de um recorte literário, sintetizarmos os dados para uma avaliação geral e metodológica, tendo como objetivo conhecer o fenômeno investigado. Favorece a produção de novos conhecimentos sobre o material encontrado em estudos antecedentes, agregando novas reflexões (Mendes *et al.*, 2008). Após a questão de pesquisa elaborada, a próxima etapa é a busca bibliográfica de evidências. Os recursos e as estratégias para a busca e seleção de estudos deste trabalho foram definidos com base na formulação da pergunta norteadora e submetidos aos critérios de inclusão e exclusão, na coleta de dados, na análise crítica dos estudos incluídos, na discussão dos resultados e na apresentação da revisão. Tudo isso possibilita colher informações nas bases de dados.

Fase 1: Assim o nosso objetivo é conhecer e analisar as evidências científicas sobre as vivências de crianças e adolescentes frente à violência praticada entre parceiros íntimos - VPI (pais), no ambiente doméstico. Os termos descritores são relacionados a cada um dos componentes de estratégia PICO, utilizando operadores booleanos, representados pelos conectores AND, OR e NOT. Os conectores permitem realizar combinações entre os descritores que serão utilizados nas buscas, sendo AND uma combinação restritiva, OR uma combinação aditiva e NOT uma combinação de exclusão, combinados com a estratégia PICO para a finalização da estratégia de buscas. Pico: P = População-alvo (crianças e adolescentes); I = Fenômeno de Interesse (Violência por parceiros íntimos vivenciada por crianças e adolescentes); C = Contexto (a Família e a violência doméstica); O = Consequências da violência, medidas tomadas, prevenção da violência e resoluções. Foram considerados os artigos publicados nas bases de dados pesquisadas com títulos que contenham os assuntos sobre a VPI, envolvendo as crianças e os adolescentes.

Fase 2: Fontes de buscas: base de dados eletrônicas indexadas: BVS/LILACS - Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde; Pubmed (U. S. National Library of Medicine- NLM); e PsycInfo da Associação Americana de Psicologia (APA), por serem as três mais usadas em nossa cultura. Palavras-chave e/ou descritores; Strings AND; OR; NOT: Ex.: “violência doméstica” AND crianças AND pais; Violência infantil; títulos iguais aos do objetivo de pesquisa (com os descritores e/ou palavras-chave – semelhantes). A escolha e seleção dos termos e suas relações se justificam pelo objetivo principal da revisão que é conhecer, compreender e analisar as vivências de crianças e adolescentes frente à violência praticada entre parceiros íntimos - VPI (pais) no ambiente doméstico. Assim com base nos resumos (Abstracts) que correspondam ao objetivo para a análise final. As consultas nas bases ocorreram entre março de 2018 e agosto de 2018. No Portal Regional da BVS/LILACS - Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde: Cruzando termos: “*violencia domestica*” OR “*Maus-Tratos Conjugais*” OR “*Violência por Parceiro Íntimo*” OR “*Domestic Violence*” OR “*Intimate Partner Violence*” OR “*Violencia de Pareja*” AND *criança* OR *child* OR *children* OR *nino* AND *pai* OR *parent* OR *padre*. Na PsycInfo da Associação Americana de Psicologia APA: “*Domestic Violence*” OR *Intimate Partner Violence*; AND *Child*; OR

Adolescent AND Parents; e na Pubmed (U. S. National Library of Medicine- NLM): “Domestic Violence” OR “Intimate Partner Violence” AND “Child” OR “Adolescent” AND “Parents”, OR “Parent-Child Relations”. Em todas as bases, foram considerados apenas os artigos científicos no período-limite de 5 anos (2013 a 2017), nos idiomas inglês, português e espanhol, textos completos idênticos ou semelhantes ao tema da pesquisa e com seres humanos para alcançar o maior número de periódicos possíveis.

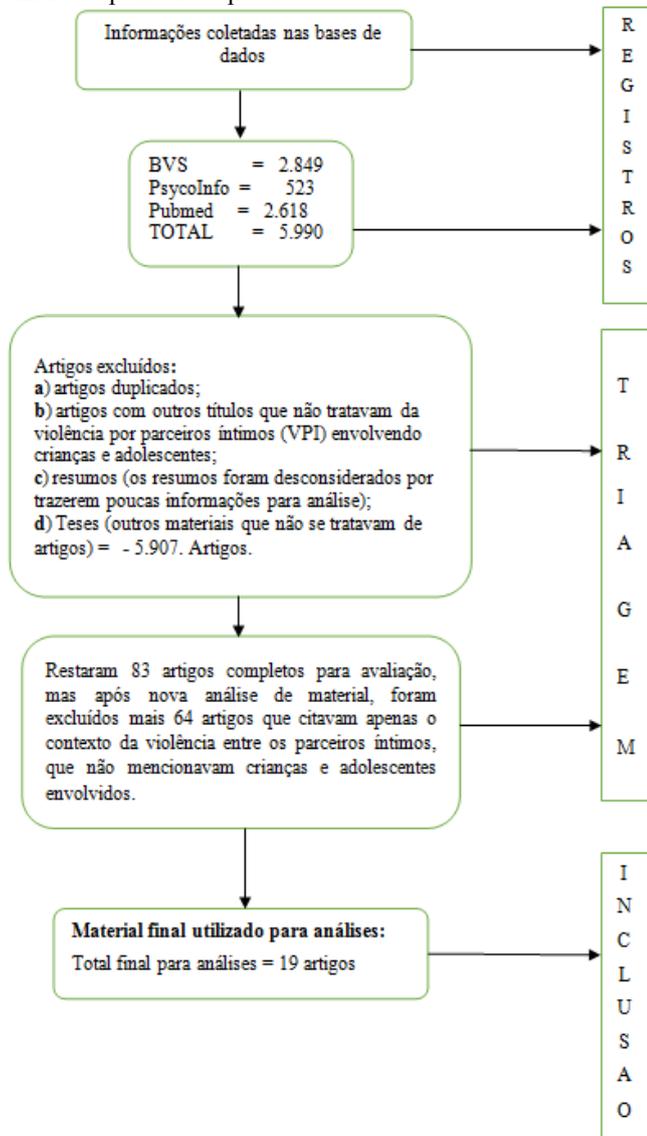


Figura 1. Fluxograma da metodologia aplicada na revisão

Incluídos: Artigos completos, títulos iguais e semelhantes ao objeto da pesquisa, período de 2013 a 2017 (Cinco anos); Idiomas inglês, português e espanhol.

Excluídos: artigos com títulos que NÃO sejam da temática pesquisada; Trabalhos que estivessem fora do período dos últimos cinco anos; duplicados; Trabalhos que não fossem artigos (Teses, manuscritos, resenhas, revisões, resumos e etc.) e Artigos que não compreendam os idiomas inglês, português e espanhol. Trabalhos que não tratassem da violência vivenciada por crianças e adolescentes entre seus pais, no ambiente doméstico (violência por parceiro íntimo-IPV).

Fases 3 e 4: Para a extração dos dados, foi utilizada uma Tabela do software Microsoft Word 2010 (MS Office), agregando as seguintes informações: Autores, títulos,

periódicos, país, método, local, população e resultados. Após a identificação com o nosso objeto de investigação e a leitura analítica dos trabalhos, foram realizadas as análises e interpretações para a nossa compreensão e conhecimento. A demonstração deste processo de inclusão e exclusão segue na síntese das informações extraídas e categorizadas, conforme (Quadro 1) a seguir:

DISCUSSÃO

Nosso trabalho recuperou, na literatura contemporânea, informações relevantes sobre a temática da violência por parceiros íntimos, envolvendo crianças e adolescentes no ambiente familiar, e iremos perceber que as discussões em torno da temática das violências são um trabalho complexo que exige uma investigação empírica, pois o fenômeno é multifatorial, mundial e permanente. Em um estudo espanhol, os autores (Carrascosa *et al.*, 2015) afirmam que a violência de pais contra os filhos no lar pode ocasionar sintomas depressivos, sentimentos de solidão e dificuldade de se relacionarem com terceiros, e que a violência doméstica é um fator que ocasiona adoecimento dos filhos vitimados; e nesse trabalho, esses autores citam vitimização ocasional e vitimização frequente. Este último necessita de apoio psicossocial por eles estarem mais vulneráveis, e podem surgir comprometimentos nos seus comportamentos, quando adultos. Em outro estudo que versa sobre a violência conjugal, os autores (Razera e Falcke, 2014) destacam que a violência conjugal é a forma de agressão mais comum entre casais com percentual de 70% dos casos. Ainda afirmam que existem diversos tipos de violência, sendo as mais frequentes, a violência física, sexual e psicológica; segundo os mesmos autores, a violência é transgeracional, perpetua-se pela repetição da transmissão de valores na infância onde estas vivências são naturalizadas e introjetadas como normalidade no comportamento familiar, tornando-se muitas vezes cultural, sendo replicada e revivida pelas vítimas que poderão se tornar os novos agressores no futuro.

Muitos casais preferem não se separar por acreditarem haver mais vantagens se permanecerem juntos, pois suas preocupações se assentam em questões financeiras, filhos e outras dificuldades futuras como justificativas para a não separação (Almeida e Soleiro, 2010 apud Razera e Falcke, 2014). Em outra pesquisa que trata da violência no lar e instituições de acolhimento de C.A, os autores, Soares *et al.* (2017) destacam que, além de sofrerem a violência doméstica, estas crianças e adolescentes, ao serem institucionalizadas mesmo que por motivos protetivos, também sofrem um viés que seria o rompimento do vínculo afetivo com a família e com a sociedade, mesmo que temporariamente, e afirmam que a Fundação Oswaldo Cruz em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Social, divulgou que em 2010 existiam 2.624 serviços de acolhimento institucional em 1.157 municípios brasileiros e, 36.929 crianças e adolescentes acolhidos, destes, 19% eram casos de abandono dos pais, 20,1% eram devido aos pais serem dependentes de álcool e drogas/ 37% dos casos eram de negligência familiar, e apenas 59,4% dos acolhidos recebiam visitas dos pais (Soares *et al.*, 2017). Casos mais graves como incesto também permeiam o mundo infantil, no caso de meninas e meninos que sofrem abuso sexual de pais, padrastos ou terceiros. Houve situações em que algumas mães sabiam e foram condizentes e negligentes com o ocorrido; outras mães alegam não terem percebido ou saber de tal abuso. A literatura nos traz

Quadro 1. Sistematização da revisão segundo autores e título dos artigos, país, método, local, população e resultados

Autores e artigos	País	Método	Local	População	Resultados
A1 Katz LF <i>et al.</i> (2016). Traumatic stress symptoms in children exposed to intimate partner violence: the role of parent emotion socialization and children's emotion regulation abilities.	EUA	Qualitativo	Department of Psychology, Box 351525, Seattle, WA - USA	58 mães de 28 a 56 anos de idade que sofreram VP, e 58 crianças de 6 a 12 anos de idade	Os resultados não mostraram relações diretas entre emoção materna e adaptação da criança. Maior conscientização das mães quanto à violência pode ajudar na prevenção de violências. As crianças que presenciaram as violências podem desenvolver o estresse pós-traumático.
A2 Pinna KLM (2016). Interrupting the Intergenerational Transmission of Violence.	EUA	Quantitativo	Department of Psychology, St Catherine University, St Paul	82 sujeitos, sendo, crianças de 8 anos de idade a adolescentes de 17 anos de idade	A média de sintomas de pais depressivos foi de 17,26; e pais com TEPT era de 49,56 a 68%. A depressão parental foi associada a problemas de comportamento infantil $r = 0,38$, $p < 0,01$, enquanto o TEPT não foi $p = 0,17$.
A3 Ahlfis-Dunn SM, Huth-Bocks AC (2014). Intimate partner violence and infant socioemotional development: the moderating effects of maternal trauma symptoms.	EUA	Quantitativo	Department of Psychology Eastern Michigan University	120 mulheres acima de 18 anos de idade grávidas, de baixa renda, etnicamente diversas, e seus bebês	Os resultados revelaram a associação entre VPI nos primeiros 12 meses de idade a problemas socioemocionais; Hiperestimulação materna associada com TEPT. Esses comportamentos maternos podem contribuir para que o seu bebê (filho), no futuro, tenha dificuldades para criar interações e vínculo afetivo socialmente.
A4 Carrascosa L <i>et al.</i> (2016). Ajuste psicossocial en adolescentes víctimas frecuentes y víctimas ocasionales de violencia de pareja.	Espanha	Qualitativo	Escola secundária e Bacharelado em quatro centros educacionais; Universidade de Valência	672 adolescentes espanhóis (325 meninas, 347 meninos), entre 12 e 19 anos	Os resultados desta pesquisa sugerem a falta de comunicação adequada entre os pais e as crianças como possível fator de risco para a vitimização, e as crianças e adolescentes não vitimados são aqueles que mantêm melhor comunicação com ambos os pais. Quando há mais frequência de problemas de comunicação com a mãe, maior depressão e sentimentos de solidão e menos satisfação com a vida do que os adolescentes cuja vitimização é ocasional.
A5 Razera J, Falcke D (2014). Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar?	Brasil	Qualitativo	Banco de dados	Mulher 44 anos com ensino fundamental e homem 38 anos ensino médio	Os resultados revelaram que o casal apresentou agressão psicológica, preponderantemente exercida pela esposa, e coerção sexual, exercida pelo marido, além de uma repetição dos padrões de violência praticados em suas famílias de origem.
A6 Soares LCEC <i>et al.</i> (2015). Convivência familiar em três cenários: acolhimento institucional, famílias recasadas e violência doméstica.	Brasil	Qualitativo	Minas Gerais, BH	Pais e filhos em três cenários: acolhimento institucional, famílias recasadas e violência doméstica	Conclui-se que, no acolhimento institucional, faltam informações sobre as famílias dos recolhidos; ausência de dados sobre a reinserção na família; falta de articulação entre a instituição dos acolhidos e a família. Nos casos de recasamento, observa-se a necessidade de maior interação entre os pais dos enteados para uma boa convivência de todos os envolvidos, necessidade de construção de laços afetivos como meio de prevenção dos atos de violência.
A7 Paixão GPN <i>et al.</i> (2015). Women experiencing the intergenerationality of conjugal violence.	Brasil	Qualitativo	Centro comunitário de Salvador, BA	19 mulheres, faixa etária entre 19 e 58 anos	Os dados foram organizados pelo método Discurso do Sujeito Coletivo que presenciaram violência entre os pais; indignaram-se com a submissão da mãe ao companheiro; e reproduziram a violência conjugal e seus comportamentos.

.....Continue

A8 Barros AS, Freitas MFQ (2015). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores.	Brasil	Qualitativo	Banco de dados	Crianças e adolescentes	Os resultados indicam que a violência doméstica entre parceiros íntimos pode trazer prejuízos ao desenvolvimento psicológico, físico, cognitivo e social das vítimas. A exposição de crianças e adolescentes a violências pode afetar o emocional e o comportamental, interferindo negativamente no seu bem-estar e qualidade de vida.
A9 Silva JMM <i>et al.</i> (2017). Violência por parceiro íntimo e prática educativa materna.	Brasil	Quantitativo	Distrito Sanitário II do Recife	631 pares mães de (18 a 49) e suas crianças	A prevalência de VPI foi de 24,4%, e a prática educativa materna violenta de 93,8%. As crianças cujas mães relataram VPI estão sujeitas a maiores possibilidades de receberem agressão psicológica (RP = 2,2; IC95% 1,0–4,7).
A10 Lansford JE <i>et al.</i> (2014). Attitudes justifying domestic violence predict endorsement of corporal punishment and physical and psychological aggression towards children: a study in 25 low- and middle-income countries.	EUA	Quantitativo	Centro para Crianças e Famílias Duke University	85 999 cuidadoras de 15 a 49 anos de idade e crianças entre 2 e 14 anos de idade de famílias em 25 países de baixa e média renda	Em 16 dos 25 países, mães que sofriam VPI não reagiam às agressões e as justificavam em prol do agressor. Elas acreditavam que algum tipo de punição corporal era justificável e aceito na educação dos filhos. Nos casos em que as mães não acreditavam nesse modo de punição, as chances de sofrimento psicológico e corporal das crianças ocorriam 8 vezes menos.
A11 Renner LM, Boel-Studt S (2017). . Physical family violence and externalizing and internalizing behaviors among children and adolescents.	EUA	Quantitativo	Centro Chapin Hall para crianças na Universidade de Chicago	2.402 crianças e adolescentes	22% (n = 531) das crianças da amostra vivenciaram pelo menos uma das três formas de violência física familiar; entre 4 e em 6% das crianças houve alegações de abuso físico; 13% das crianças foram expostas à VPI. Crianças de 3 a 12 anos, expostas à VPI física e de irmãos; com comportamentos externalizantes apresentando coeficientes, 35; SE, 17; p. 036); e (coeficiente .63; SE .18; p .001) respectivamente. Para adolescentes de 13 a 18 anos, houve o abuso físico com comportamentos externalizantes de coeficiente 0,46; 0,22; p. 041. A forma de vitimização pode variar de acordo com o estágio de desenvolvimento da criança.
A12 Ashburn K <i>et al.</i> (2017). Evaluation of the Responsible, Engaged, and Loving (REAL) Fathers Initiative on Physical Child Punishment and Intimate Partner Violence in Northern Uganda.	Attiaksub-condado, distrito Amuru na região do Norte de Uganda	Quantitativo	Attiaksub-condado, distrito Amuru	500 pais jovens com idades entre 16 e 25 que tinham filhos com idade de 1 a 3 anos	Resultados da avaliação, comparando dados da pesquisa entre os homens expostos à intervenção e os não expostos, demonstram reduções significativas na VPI na linha final (aOR 0,48, IC 0,31, 0,76, p <0,001) e no longo prazo de acompanhamento (aOR 0,47, IC 0,31, 0,77, p 0,001) e reduções na punição física infantil no seguimento a longo prazo (aOR 0,52, CI 0,32, 0,82, p <0,001).
A13 Brown T <i>et al.</i> (2014). Filicide and Parental Separation and Divorce.	Victória Austrália	Qualitativo	Banco de dados do Depto. Legislativo da cidade de Victória	Crianças, com idade entre recém-nascidos a 17 anos e os pais	O estudo constatou que, embora a separação tenha sido um fator identificado nos casos analisados, houve evidências de doença mental, principalmente depressão. Há necessidade de melhores estratégias na prevenção do filicídio e identificar os fatores de risco para melhorar as respostas dos serviços às vítimas.
A14 Straus MA, Michel-Smith Y (2014). Mutuality, severity, and chronicity of violence by Father-Only, Mother-Only, and mutually violent parents as reported by university students in 15 nations.	EUA	Quantitativo	Laboratório de Pesquisa da Família, Universidade de New Hampshire, Durham, EUA	11.408 adolescentes de 15 países	Este estudo traz dados de 15 países, onde os resultados demonstraram que há variação percentual muito heterogênea com relação à VPI.
A15 Chan KL <i>et al.</i> (2017). Can family structure and social support reduce the impact of child victimization on health-related quality of life?	Hong Kong, China	Quantitativo	107 escolas; do pré ao ensino médio	5.060 crianças participantes recrutadas, sendo apenas 4.139 sujeitos participantes finais	Constatou-se que são múltiplos os fatores de influência associados ao adoecimento psicoemocional de crianças e adolescentes, o que chamaram de polivitimização, sendo os maus-tratos, agressões físicas e violência psicológica de seus cuidadores como a causa do adoecimento; pouco mais de 40% das crianças avaliadas já haviam sofrido algum tipo de violência em casa. Destacaram ainda que nem sempre o ambiente familiar é o mais seguro, por outro lado, uma família bem estruturada pode ser uma base sólida para um desenvolvimento psicoemocional saudável para crianças e adolescentes.

.....Continue

A16 Burlaka V <i>et al.</i> (2017). The relationship between family, parent, and child characteristics and intimate-partner violence (VPI) among Ukrainian mothers.	Ucrânia	Qualitativo	12 comunidades dentro das regiões Odessa, Vinnytsia e Dnipropetrovsk	Crianças e adolescentes entre 9 e 16 anos de idade e suas mães entre 18 e 55 anos de idade que sofreram VPI	Nessa amostra, 81% das mulheres relataram ter, pelo menos, um caso de violência psicológica, 58% foram agredidas fisicamente, 34% sofreram coerção sexual e 44% relataram lesões relacionadas com o VPI, durante o ano passado. No geral, apenas 17% não relataram incidentes de VPI. Os resultados sugerem que a violência contra as mulheres é um problema amplamente difundido na Ucrânia, o baixo nível escolar e o desemprego têm forte influência como fatores de risco.
A17 Song A <i>et al.</i> (2017). Experience of Domestic Violence During Childhood, Intimate Partner Violence, and the Deterrent Effect of Awareness of Legal Consequences.	Coreia do Sul	Quantitativo	Seul e outras ilhas do país	2.748 adultos, entre mulheres e homens casados ou morando juntos	Dos entrevistados, 16,68% relataram cometer qualquer tipo de violência física com parceiros, durante os 12 meses anteriores. Cerca de metade dos entrevistados (53,50%) relatou que elas foram diretamente abusadas durante a infância por seus cuidadores. Cerca de um terço (28,20%) relatou violência (verbal, física) entre seus cuidadores, durante a infância. Os resultados mostraram que 33,36% dos entrevistados estavam cientes de leis destinadas a punir VPI por perpetração. Diferenças de gênero entre todas as variáveis só foram encontradas em estresse e nível de estresse.
A18 Taft AJ <i>et al.</i> (2015). The impact of violence against women on reproductive health and child mortality in Timor-Leste.	Timor Leste	Quantitativo	Universidade La Trobe, Vitória, Austrália	Mulheres de 15 a 49 que sofreram VPI	45% das mulheres já casadas sofreram violência: 34% relataram apenas física e 11% relataram violência física, sexual e / ou emocional combinada. Em comparação com mulheres não abusadas, as mulheres que relataram violência física eram mais propensas a usar contracepção tradicional (AdjOR 2,35, 95% IC 1,05-5,26). Uma infecção sexualmente transmissível (AdjOR 3,51, IC 95% 2,26-5,44); uma interrupção da gravidez (AdjOR 1,95, IC 95% 1,27-3,01); poucas consultas pré-natais (AdjOR 1,76 IC95% 1,21-2,55).
A19 Zhang X (2014). Family Income, Parental Education and Internalizing and Externalizing Psychopathology Among 2-3-year-old Chinese children: The mediator effect of parent-child conflict.	China	Quantitativo	São quatro pré-escolas urbanas (três públicas e uma privada) em Beijing, China	185 crianças de 2-3 anos de idade solicitados, 156 crianças (84,3%; 75 meninos, 81 meninas; H = 40,9 meses de idade, SD = 4,1 meses), participaram com seus pais e/ou mães	O estudo concluiu que a desigualdade econômica e educacional pode sim ser um fator de risco para o surgimento de psicopatologias em crianças, na faixa etária de até os quatro anos de idade.

informações de que muitas mães que tiveram filhas e filhos que sofreram abuso sexual, por parte de seu parceiro íntimo, utilizam recursos psíquicos como mecanismos de defesa, como por exemplo a negação do fato, ou até mesmo desacreditam de seus filhos quando relatam o abuso, por não suportarem tal dor diante desse tipo de violência. Para algumas delas pode até ser inconscientemente uma reedição de algum trauma de outrora sofrido em sua infância ou adolescência e admitir que tal fato tenha acontecido novamente pode gerar sentimento de culpa por sua negligência. Um estudo realizado na China buscou investigar se a renda familiar e a escolaridade dos pais tinham relação com as psicopatologias entre seus filhos de 2 a 3 anos de idade. Tal estudo concluiu que a desigualdade econômica e educacional pode sim ser um fator de risco para o adoecimento de seus filhos de até 4 anos de idade (Zhang, 2014). A pesquisa enfatiza ainda que, no caso de gênero, o fenômeno se diversifica tanto pela parte do agressor quanto da vítima, ou seja, no lar a mãe é vista como a maior agressora em casos de maus-tratos, enquanto os pais e/ou padrastos são responsáveis em maior número de casos pela agressão sexual contra meninas. Os meninos se enquadram nas estatísticas de quem sofre em maior número os atos de maus-tratos. As drogas, as dificuldades financeiras e o consumo de bebidas alcoólicas se destacam como fatores de risco potencializadores da violência humana entre os sujeitos (Zhang, 2014). Fica evidente que o maior índice de violências contra CA ocorre dentro do próprio lar, e os

perpetradores geralmente são os pais, e os motivos que os levam a tal ato são motivos torpes ancorados em aspectos socioculturais, econômicos e históricos, com influência do ambiente, seja ele interno ou externo, demonstrando também que a média de idade dos agressores está entre 21 e 30 anos de idade, não excluindo as demais faixas etárias. Em outra pesquisa sobre “Mulheres Vivenciando a Intergeracionalidade da Violência Conjugal”, os autores irão enfatizar que a violência sofrida pela mulher na sua infância muitas vezes é absorvida como valores intrafamiliares, e as agressões são percebidas como naturais daquele grupo familiar, e assim possuem dificuldades para perceberem tal fenômeno como nocivo (Paixão *et al.*, 2015). Os pesquisadores Antoni *et al.*, 2010 apud Barros e Freitas, 2015 enfatizam que quando a violência é reproduzida e perpetuada, é possível inferir que ocorre uma subjetivação nas relações entre vítimas e agressores, pois, ambos cristalizam padrões de comportamentos nocivos a níveis de aceitações toleráveis entre si, e aceitáveis como habitus (Antoni *et al.*, 2010 apud Barros e Freitas, 2015). O trauma se configura numa linha que surge como um marcador daquela experiência dolorosa, ora vivenciada pela vítima. A violência na vertente psicanalítica não é um fenômeno isolado apenas como algo pertencente ao sujeito, mas é algo produzido pela interação dos sujeitos e pelo modo particular que interagem. E a relação entre a mãe e o bebê pode ser de confiança e acolhimento, ou de ódio e insegurança, e, dependendo da

postura dessa mãe, poderá ser um fator preponderante para o amadurecimento psíquico ou não, e o surgimento de um trauma pode provocar uma ruptura e/ou falha no desenvolvimento psíquico saudável dos bebês. Conforme estudo concluído no Peru, mulheres que foram vítimas de violência por parceiro íntimo tendem a punir fisicamente seus filhos, afetando suas relações, e o ciclo da violência pode se repetir (Silva *et al.*, 2017). Analisando outro estudo internacional sobre a violência doméstica, de pesquisa domiciliar realizada em 25 países de baixa renda, com mulheres que cuidavam de crianças de 2 a 14 anos de idade e considerando castigos corporais e comportamentos agressivos com violência física e psicológica contra crianças, observamos que as mães acreditavam que a agressão física sofrida pelos filhos poderia ser justificada como recurso para criar e educar seus filhos. Nestes países a cultura sobre a violência dos maridos sobre as esposas era algo quase que instituído como um hábito normal (Lansford *et al.*, 2014). Outra pesquisa internacional com a temática “Violência Física Familiar e Externalização e Internalização de Comportamentos entre Crianças e Adolescentes” afirma que, da perspectiva socioecológica, os casos de “violências” sofridos por este público ambiente doméstico terão influência direta no desenvolvimento psicoemocional, gerando traumas e assim reproduzi-los como comportamentos hostis, dependendo do funcionamento psíquico de cada um, e daí surgirem psicopatologias (Renner e Boel-Studt, 2017). Segundo pesquisa do Uganda Bureau of Statistics realizada em Uganda na África, cerca de 60% das mulheres entrevistadas já haviam sofrido violência por parceiro íntimo (VPI), emocional ou física com consequências graves, como tendência a desenvolverem depressão, dependência ao alcoolismo e suicídio. Entre 1.000 crianças entrevistadas, com faixa etária de 08 anos de idade, as jovens até 18 anos de idade em cinco distritos diferentes, aproximadamente 98% destas haviam sofrido violência física ou psicológica, sendo que 76% eram violência sexual (Naker, 2005; Kinyanda *et al.*, 2016 apud Ashburn *et al.*, 2017).

Outro estudo realizado entre 2000 e 2011 com uma amostra de 57 casos de violência familiar, em Victoria na Austrália, buscou identificar e associar a relação dos casos de filicídio entre os pais, padrastos e filhos na convivência intrafamiliar e constatou que diversos fatores contribuíram para estes casos, como a separação dos pais, doença mental, violência doméstica, gênero e abuso de substâncias psicoativas. Revelando, ainda, que alguns agressores sofreram algum tipo de trauma em suas famílias de origem, também procuraram um serviço social de apoio aos seus sofrimentos, antes de praticarem um assassinato, no entanto, recorriam à ajuda de profissionais errados, ou melhor, dizendo, de outra área (Brown *et al.*, 2014). Pesquisa americana, realizada em 2013 em 15 países com uma amostra de 11.408 casos estudados, afirma que cerca de 14% dos estudantes universitários estudados na pesquisa sofreram violência de e entre seus pais, quando eram crianças (Straus e Michel-Smith, 2014). Uma pesquisa realizada em 2015 em 107 escolas chinesas em Hong Kong, do pré ao ensino médio, com uma amostra de um total de 5.060 participantes recrutados, sendo apenas 4.139 sujeitos participantes finais, investigou o impacto da estrutura familiar e diversas variáveis sobre a correlação da violência entre pais e filhos. Concluíram que são múltiplos os fatores de influência associados ao adoecimento psicoemocional de crianças e adolescentes, o que chamaram de polivitimização, atribuindo aos maus-tratos agressões físicas e a violência psicológica de

seus cuidadores, como sendo a causa do adoecimento. Pouco mais de 40% das CA avaliadas já haviam sofrido algum tipo de violência em casa. Destacaram, ainda, que nem sempre o ambiente familiar é o mais seguro, por outro lado, uma família bem estruturada pode ser uma base sólida para um desenvolvimento psicoemocional saudável para crianças e adolescentes (Chan *et al.*, 2017). A violência por parceiro íntimo não se condiciona a gênero, não se trata de violência sexual propriamente, mas de qualquer tipo de agressão entre parceiros íntimos ou membros da família, conotando um comportamento abusivo e/ou violento entre adultos daquela família. As estimativas sugerem que cerca de 275 milhões de crianças em todo o mundo estão expostas ao VPIa cada ano (UNICEF, 2006 apud Burlaka *et al.*, 2017). No trabalho com o título: “Experience of Domestic Violence During Childhood, Intimate Partner Violence, and the Deterrent Effect of Awareness of Legal Consequences”, os autores irão dizer que as crianças que conviveram com famílias violentas, também tendem a desenvolver e reproduzir a violência com os seus futuros parceiros, e através de suas investigações confirmaram que maus-tratos à criança pode ser um forte preditor de violência no namoro, conforme confirmaram com estudantes universitários da Coreia do Sul (Song *et al.*, 2017).

Considerações finais : Como sabemos a violência é fenômeno heterogêneo nas sociedades de todo o mundo, permeando a vida do homem desde os registros históricos mais antigos de que temos conhecimento. No entanto, convivemos em nossa sociedade com a violência em níveis alarmantes, levando as pessoas a se comportarem de forma imatura e prejudicando a convivência pacífica e saudável. As crianças e adolescentes são alvos da violência praticada por aqueles que deveriam lhes dar amor, carinho, apoio, segurança, enfim, por aqueles que deveriam ter a função de proteção, uma função acolhedora dos responsáveis diretos, ou seja, os próprios pais e/ou outros tutores, mas não é uma realidade na sociedade mundial. Segundo organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), essas experiências afetam em outros contextos, seja nas relações intrafamiliares seja nas extrafamiliares, e até nas escolas os efeitos dessas experiências podem ser danosos. A literatura mostra que normalmente as mães são as que mais agridem, e na questão de gênero, as meninas sofrem um número maior de agressões sexuais dos pais e/ou padrastos; os meninos sofrem outras formas de violência física com maior frequência. As mulheres (mães) entram nas estatísticas, sendo as que mais sofrem violência física por parte dos seus cônjuges e retransmitem de alguma forma aos seus filhos. É necessária a construção de relações positivas que favoreçam o diálogo e estabeleçam relações afetivas saudáveis, empáticas e amorosas, pois a falta de diálogo pode significar um fator de risco para a vitimização entre pais e filhos. Constatamos, ainda, que menos de 1% dos trabalhos encontrados (nesta pesquisa de revisão integrativa) relata cientificamente a dinâmica interna do organismo humano, ou seja, não explica como as experiências e sentimentos que são subjetivos de cada sujeito se convertem e psicossomatizam-se no corpo em forma de doenças físicas, identificadas pelos sintomas fisiológicos e comportamentos antissociais, afetando desta forma a realidade biopsicossocial de cada criança e adolescente, vítimas das “violências”. A violência entre os atores sociais pode surgir em diversos contextos, assim como nas dificuldades de interações entre os sujeitos, quando há uma dificuldade em sua capacidade de resolução de conflitos, na interação uns com os outros, configurando-se como uma dificuldade humana na ausência

de recursos intrínsecos, podendo o indivíduo imaturo usar a violência não apenas como um ato de agressão, mas, inconscientemente, como um mecanismo de defesa diante do desespero de uma ameaça à sua integridade. Enfatizamos a importância de se explorar melhor as relações humanas de convivência social bem como os processos de psicossomatização para ampliar a capacitação dos profissionais e tratar o problema de forma mais abrangente, considerando também o grupo familiar e sua realidade como um todo e não apenas a(s) vítima(s). Seria necessário atualizar as políticas públicas existentes para que sejam capazes de atender a estas demandas intrafamiliares, com um olhar mais amplo para produzir novos saberes. Uma vez que não seja possível esgotar os casos de violências, devido à complexidade e magnitude existentes, acreditamos ser necessário ampliar o campo de pesquisa já que não se esgotam com este trabalho os esforços para novas investigações.

REFERÊNCIAS

- Ahlfs-Dunn, SM. and Huth-Bocks, AC. 2014. Intimate partner violence and infant socioemotional development: The moderating effects of maternal trauma symptoms. *Infant. Ment. Health J.* 35(4):322–335. doi: 10.1002/imhj.21453.
- Ashburn, K., Kerner, B., Ojamuge, D. and Lundgren, R. 2017. Evaluation of the Responsible, Engaged, and Loving (REAL) Fathers Initiative on Physical Child Punishment and Intimate Partner Violence in Northern Uganda. *Prev.Sci.*, 18(7):854-864. doi: 10.1007/s11211-016-0713-9.
- Barros, AS. and Freitas, MFQ. 2015. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. *Pensando famílias.* 19 (2):102-114.
- Brasil, 2017. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 13.431, de 04 de Abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF, 4 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13431.htm>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- Brown, T., Tyson, D. and Arias, PF. 2014. Filicide and Parental Separation and Divorce. *Child. Abuse Rev.*, 23:79-88. doi: 10.1002/car.2327.
- Burlaka, V., Grogan-Kaylor, A., Savchuk, O. and Graham-Bermann, SA. 2017. The relationship between family, parent, and child characteristics and intimate-partner violence (IPV) among Ukrainian mothers. *Psychol. Violence*, 7(3):469-477. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000085>.
- Carrascosa, L., Cava, MJ. and Buelga, S. 2016. Ajuste psicossocial en adolescentes víctimas frecuentes y víctimas ocasionales de violencia de pareja. *Ter. Psicol.*, 34(2): 93-102.
- Chan, KL., Chen, M., Chen, Q. and Ip, P. 2017. Can family structure and social support reduce the impact of child victimization on health-related quality of life?. *Child. Abuse Negl.*, 72:66-74. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.07.014>.
- Katz, LF., Stettler, N. and Gurtovenko, K. 2016. Traumatic stress symptoms in children exposed to intimate partner violence: The role of parent emotion socialization and children's emotion regulation abilities. *Social Development*, 25(1):47-65. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/sode.12151>.
- Lansford, JE., Deater-Deckard, K., Bornstein, MH., Putnick, DL. and Bradley, RH. 2014. Attitudes justifying domestic violence predict endorsement of corporal punishment and physical and psychological aggression towards children: a study in 25 low- and middle-income countries. *J. Pediatr.*, 164(5):1208-13. doi: 10.1016/j.jpeds.2013.11.060.
- Mendes, KS., Silveira, RCCP. and Galvão, CM. 2008. Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto Enferm.*, 17(4):758-764. doi: 10.1590/S0104-07072008000400018.
- Paixão, GPN., Gomes, NP., Diniz, NMF., Lira, MOSC., Carvalho, MRS. and Silva, RS. 2015. Women experiencing the intergenerationality of conjugal violence. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.*, 23(5):874-879. doi:10.1590/0104-1169.0010.2626.
- Pinna, KLM. 2016. Interrupting the Intergenerational Transmission of Violence. *Child. Abuse Rev.*, 25(2):145-157. doi: 10.1002/car.2412.
- Razera, J. and Falcke, D. 2014. Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar?. *Aletheia.* 45:156-167. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115048474012>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- Renner, LM. and Boel-Studt, S. 2017. Physical family violence and externalizing and internalizing behaviors among children and adolescents. *Am. J. Orthopsychiatry*, 87(4):474-486. doi: 10.1037/ort0000260.
- Silva, JMM., Lima, MC. and Ludermir, AB. 2017. Violência por parceiro íntimo e prática educativa materna. *Rev. Saúde Pública*, 51(34):1-11.
- Song, A., Wenzel, SL., Kim, JY. and Nam, B. 2017. Experience of Domestic Violence During Childhood, Intimate Partner Violence, and the Deterrent Effect of Awareness of Legal Consequences. *J. Interpers. Violence*, 32(3):357–372. doi: 10.1177/0886260515586359.
- Sores, LCEC., Souza, FHO. and Cardoso, FS. 2015. Convivência em três cenários: acolhimento institucional, famílias recasadas e violência doméstica. *Psicol. Argum.*, 33(82):330-345. doi: 10.7213/psicol.argum.33.082.AO01.
- Straus, MA. and Michel-Smith, Y. 2014. Mutuality, severity, and chronicity of violence by Father-Only, Mother-Only, and mutually violent parents as reported by university students in 15 nations. *Child. Abuse Negl.*, 38(4):664-676. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.10.004.
- Taft, AJ., Powell, RL. and Watson, LF. 2015. The impact of violence against women on reproductive health and child mortality in Timor-Leste. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 39, 177-181. <https://doi.org/10.1111/1753-6405.12339>
- World Health Organization, 2014. Global status report on violence prevention 2014. World Health Organization. Disponível em: <<http://www.who.int/iris/handle/10665/145086>>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- Zhang, X. 2014. Family income, parental education and internalizing and externalizing psychopathology among 2-3-year-old Chinese children: the mediator effect of parent-child conflict. *Int. J. Psychol.*, 49(1):30-7. doi: <https://doi.org/10.1002/ijop.12013>.